Setor elétrico pretende investir

José Coury Neto

O setor elétrico poderá ampliar os seus investimentos em 1990, caso a Comissão Mista do Congresso que analisa o Orçamento Geral da União (OGU) para o próximo ano não promova grandes modificações na proposta do relator-geral do orçamento, o deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA), a ser votada no dia 20. Os cortes propostos pelo parlamentar atingem US$ 409 milhões, que seriam redistribuídos, em sua maior parte, aos ministérios das Minas e Energia, Transportes, Agricultura e Interior.

No orçamento das empresas estatais submetido à apreciação do Congresso, consta que diversas distribuidoras estaduais de energia elétrica não estão pagando a energia recebidas das geradoras, que são subsidiárias da Eletrobrás (Furnas, Chesf, Chesp, Itaipu). Este fato acaba por agravar ainda mais a crise do setor elétrico, que conta com uma receita, este ano, de US$ 12 bilhões, porém, sua dívida externa vincenda de US$ 5 bilhões praticamente, impossibilita novos investimentos em 1990.

A Eletrobrás queixa-se de que as empresas estaduais recebem dos consumidores, mas recusam-se a pagar a mesma energia que adquiriram das subsidiárias da **holding**, que ficam de mãos amarradas, ou seja, não recebem os recursos e nem podem cortar o fornecimento, porque isso acabaria punindo os consumidores que, afinal, pagaram suas contas. Os Estados justificam o calote com o argumento de que o Governo Federal achatou as tarifas e tirou a rentabilidiade das empresas estaduais.

Subsídio

De acordo com dados da Eletrobrás, a empresa acaba sendo obrigada a subsidiar 80% do preço da energia elétrica fornecida ao pequeno consumidor residencial (até 100 Kw), porque é esta a faixa que entra na composição do IPC. A direção da **holding** vem pregando que o novo presidente não poderá fugir de uma grande elevação de tarifas para eliminar a defasagem acumulada que chega a 40% e que retirou o setor elétrico do acordo setorial, firmado entre o Governo e o empresariado.

Entre janeiro e agosto deste ano, o setor elétrico perdeu receita eqüivalente a US$ 2 bilhões, devido à contenção de tarifas. A falta de investimentos trouxe atraso ou paralisação de obras nas hidrelétricas de Samuel (Rondônia); Xingó (Rio São Francisco); Manso (Mato Grosso); Itá (Santa Catarina) e nas termelétricas de Angra II e III. Isso significa que o País poderá sofrer sérios problemas de abastecimento a partir de 1991, o que a Eletrobrás pretende contornar com racionamentos. Além disso, não haverá energia elétrica para atender a nenhum nível de crescimento industrial, o que tem preocupado seriamente as empresas que têm na energia elétrica o seu principal insumo.

Consumo

Apesar da crise que envolve o Estado brasileiro, com o colapso de suas finanças e a situação falimentar da maioria de suas empresas, o consumo de energia elétrica do País cresceu ao ritmo anual de 7,7% nos últimos cinco anos, e espera-se um aumento médio anual de 6% nos próximos anos. Para atender a essa demanda seriam necessários investimentos de US$ 6 bilhões por ano, mas a estatal do setor, a Eletrobrás, mal consegue investir a metade disso. Os investimentos deste ano devem totalizar US$ 2,3 bilhões; os de 1990, se tudo correr bem, US$ 3 bilhões.

O setor elétrico brasileiro tem, hoje, uma potência instalada de 50 milhões de megawatts, distribuídos por cerca de 290 hidrelétricas, 20 termelétricas e uma usina nuclear. Somente para concluir a usina de Xingó, na divida de Sergipe e Alagoas, a Eletrobrás precisa de US$ 500 milhões por ano. Este ano, a dotação deverá ficar pouco acima dos US$ 300 milhões, e com isso a direção da Eletrobrás já teme que a hidrelétrica — considerada vital para o abastecimento do Nordeste — não fique pronta nem em 1994, conforme está previsto. Furnas já adiou para 94 ou 95 a inauguração da usina de Serra da Mesa, no rio Tocantins.

Dos US$ 500 milhões que o Governo esperava receber neste ano de empréstimos externos para investir na produção de energia elétrica, nem um centavo entrou nos cofres públicos. Um novo pedido de US$ 350 milhões foi feito ao Banco Mundial (Bird), mas até agora não houve resposta. Segundo documento do Conselho para Assuntos de Energia da Confederação Nacional da Indústria (CNI), de 83 a 88 só foram investidos no setor US$ 19 bilhões, de um total previsto de US$ 44 bilhões.

De acordo com as previsões contidas no orçamento das estatais, em 1989 o nível de investimentos do setor elétrico deverá apresentar uma queda real próxima de 25%.